



Ayotzinapa século XXI: o México que não desperta do pesadelo de Tlatelolco outubro de 68

Luara Wandelli Loth¹

Resumo

O ensaio fotográfico reproduz fotos registradas no México, referentes a luta das famílias e amigos dos desaparecidos de Ayotzinapa, 43 estudantes de uma escola rural do estado de Guerrero que foram assassinados por forças policiais. Até os dias de hoje seus corpos não foram encontrados, mas não estão esquecidos.

Palavras-chave: México, Ayotzinapa, Desaparecidos

Ayotzinapa siglo XXI: o México que no despierta de la pesadilla de Tlatelolco octubre de 68

Resumen

El ensayo fotográfico reproduce fotos registradas en México, referentes a la lucha de familias e amigos de los desaparecidos de Ayotzinapa, 43 estudiantes de una escuela rural del estado de Guerrero que fueran asesinados por fuerzas policiales. Hasta los días de hoy sus cuerpos no fueran encontrados, pero no son olvidados.

Palabras clave: Mexico, Ayotzinapa, Desaparecidos

Ayotzinapa 21st century: the México that don't wake from the nightmare of Tlatelolco October's 68

Summary

The photo essay reproduces photos recorded in Mexico, regarding the struggle of the families and friends of missing persons Ayotzinapa, where the police in the state of Guerrero killed 43 students from a rural school. To this day their bodies were not found, but are not forgotten.

Keywords: Mexico, Ayotzinapa, Disappeareds

¹ Estudante do Curso do Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, membro do Coletivo Maruim.

“Eu leio muito. E sabe, quem lê muito acaba adquirindo poderes especiais, como eu que desenvolvi poderes psíquicos: sou capaz de prever o futuro”. O que o normalista J.H. queria nos contar, a princípio com bom humor e aos poucos em tom de confissão, revelou-se um segredo muito íntimo e delicado: ele havia tido uma premonição da tragédia de seus companheiros na noite anterior ao inesquecível e imperdoável 26 de setembro de 2014. “Sonhei que meus companheiros eram atingidos por balaços e havia muito sangue. Avisei aos amigos do perigo que estavam correndo, ao sair naquela noite, mas não deram muita importância ao aviso”. J.H. ao mesmo tempo em que se orgulha de seu poder premonitório, sente como algo que o machuca e o torna diferente.

J.H. é filho de um professor egresso de uma Normal Rural, possui uma sólida formação política que recebeu em cursos ministrados por veteranos da Normal, fala de seus sonhos, ideias e temores com desenvoltura e charme, no refeitório da Escuela Normal Rural Raúl Isidro Burgos, onde estão pintados, em um mural ao estilo do realismo socialista, os rostos de Engels, Marx e Lênin. Sua formação e grande responsabilidade dentro da Federação dos Estudantes Camponeses Socialistas de México (FECSM) não o impede de, ao mesmo tempo em que confia nestes conhecimentos da chamada educação científica e popular pela qual luta, crer profundamente em profecias maias, assunto principal de seu diário de menino.

A jovem de menos de 20 anos Z.V. é coordenadora do comitê estudantil da Escola Normal de Iguala. Engolindo as lágrimas trazidas pela visão do horror, contou, transparecendo sua irreal lucidez e firmeza radical que só existem naqueles que são capazes de não ver diferença entre sua própria vida e a de seus iguais, sua experiência na madrugada chuvosa do massacre. Ela recebeu uma ligação desesperada de amigos da FECSM, que perdidos na cidade de Iguala, buscavam um esconderijo para se proteger da perseguição de policiais de todas as esferas de governo e sicários do narcotráfico regional. Desde então, está com os braços abertos aos companheiros, ajudando na cozinha da escola e mobilizando as estudantes de sua Normal. Preocupa-se em saber que parte dos sobreviventes, muitos traumatizados, voltou para os povoados de origem a pedido das famílias amedrontadas. Quase todos os normalistas desaparecidos são do primeiro período e muitos dos sobreviventes também. As aulas estão paradas esperando pelo retorno com vida, como exigem os movimentos, para encher novamente de juventude este salão praticamente deserto.

Vinte e seis de setembro de 2014, duas semanas antes da tradicional, mas ainda revolucionária marcha que com teimosia insiste em lutar contra o memoricídio criminoso tentado a tapar com cinismo as feridas abertas pelo massacre de dois de outubro de 1968, na Praça Tlatelolco, às vésperas das Olimpíadas. O reboiço de 68 no México foi o mais sangrento de todos. Nenhum general ou mandatário do PRI (Partido da Revolução Institucional) recebeu punição, a maioria dos criminosos já morreu e até hoje não se conhece a verdade dos fatos, nem a dolorosa cifra de mortos. Era para participar desta marcha-cerimônia que mesmo com 46 anos é cada vez mais importante na reversão da letargia e do medo em que estão mergulhados os jovens mexicanos -- tolhidos de direitos e reprimidos com violência -- que se mobilizavam os normalistas desaparecidos naquela noite. Os normalistas estavam dirigindo-se para Iguala em três de seus ônibus expropriados -- prática já corriqueira e feita pelos calouros que necessitam mostrar garra nas tarefas da luta cotidiana -- em busca de meios para viajar ao Distrito Federal, a cinco horas da capital de Guerreiro, e participar da marcha. Não sabiam também que entrariam na história ao lado da página Tlatelolco, como o segundo maior massacre estudantil da história do México. Os executores e mandatários da tragédia seguramente não tinham em mente a memória de Tlatelolco. Os desmemoriados seguem matando, enquanto os que preservam a memória morrem.

*Nomes abreviados por iniciais a pedido dos entrevistados que temem pela segurança.

“Ayotzinapa fue la gota que derramo El vaso” é a categorização aceita por muitos mexicanos. Também compartilham do sentimento expressado em outra frase comum nos cartazes das passeatas: “Nos han quitado tanto que ya nos quitaran el miedo”. Os mexicanos não têm nada a perder em um país destrozado pela violência do Estado na sua faceta neoliberal, rendido ao império do norte e que tem no narcotráfico, no tráfico de pessoas e nos sequestros, grandes negócios. Mas, desta vez, o Estado teve uma péssima atuação, a máscara caiu diante do povo, quando o sangue da tragédia não respingou apenas sobre o prefeito e sua esposa sicária do Cartel Guerreiros Unidos de Iguala ou no partido que governa o estado mais pobre do México,

Guerreiro, mas sobre todos os partidos e radicalmente manchou a imagem do Estado mexicano, fragilizando-o dentro e fora do país.

“No te indignes con la muerte de los normalistas, el muerto eres tú!”. Esta frase paradigmática escrita em um muro expressa a ideia central do que disse Ernesto Che Guevara: “No creo que seamos parientes muy cercanos, pero si usted es capaz de temblar de indignación cada vez que se comete una injusticia en el mundo, somos compañeros, que es más importante.” Ambas ilustram a onda de sentimento de dor compartilhado e olhar mútuo que tomaram conta de muitos jovens. Este sentimento perturbador, pois o outro sempre é perigoso, capaz de interromper a roda do sistema fez com que a coletividade dos indignados repensasse radicalmente o caminho que estavam deixando o país seguir. A crise de violência impõe ou acentua uma ordem social de desconfiança, onde os pequenos grupos buscam a sobrevivência e a resolução de conflitos de forma fragmentária, individualizada, desconectada de um projeto coletivo de emancipação social, postura limitada à reação conjuntural que acaba por favorecer a aceitação, a naturalização e o conformismo ante a ordem coercitiva. Tal fenômeno só faz reforçar a fragmentação e o sectarismo vividos pelos movimentos sociais no México atual.

O boicote às eleições é uma das discussões com mais adesões entre a juventude que há décadas não tem coragem nem sequer para criar uma entidade estudantil representativa nacional, como a brasileira UNE (União Nacional dos Estudantes). Qualquer via institucional é vista com tremenda e justificável suspeita.

Como explicar, então, a saída da sociedade mexicana do estado anestésico no qual se encontrava desde pelo menos o início da guerra ao narcotráfico? São muitos os massacres que podem ser citados como paralelos ao que aconteceu em Iguala. Desde que o presidente Felipe Calderón, do partido mais conservador do país, o PAN (Partido Acción Nacional), declarou guerra ao narcotráfico, em 2006, oitenta e cinco mil pessoas foram assassinadas e há 26 mil desaparecimentos decorrentes desta guerra, onde governo e narcotráfico parecem estar do mesmo lado contra a população pobre, sempre o alvo prioritário da violência. Ser jovem é uma das principais características das vítimas. Somente em 2012 morreram 20.658 jovens por causas violentas. Em 2014, 16.298 jovens, de ambos os sexos, já não terão como ultrapassar a linha da juventude.

Podemos identificar um ponto não variável em todos os capítulos desta guerra: a pobreza dos envolvidos na execução física. Essa epidemia de violência possui características que expõe

sua paradoxal crueldade: pobres são “comandados” para matar pobres. Os soldados submetidos ao narcotráfico que fazem o trabalho sujo e colocam sua cabeça a prêmio, como os executores do desaparecimento dos normalistas, provêm de camadas tão humildes quanto à origem dos desaparecidos. Os policiais que participam dos crimes também são subalternos, agindo em prol de um sistema que não os favorece. Os 22 meninos acusados de crimes e fuzilados pelo Exército, em 2014, em Tlatlaya (Estado de México), matança incipientemente explicada pelas autoridades, eram miseráveis. Lutando contra a mesma miséria estavam os 45 indígenas mortos, em Actel (Chiapas), 1997, condição de vida semelhante às mulheres de Atenco, estupradas e molestadas por policiais como represália à rebelião popular organizada pelos agricultores das comunidades originárias contra a expropriação de suas terras.

Os 540 alunos da Normal Rural Raúl Isidro Burgos são filhos de camponeses pobres de diferentes regiões de Guerrero. As Normais Rurais, criadas pelo Presidente Álvaro Obregón, são escolas de pobres para pobres, onde estudam jovens de famílias humildes para se tornarem professores primários em zonas rurais. São também um dos únicos caminhos para a ascensão social e oportunidade de estudo em zonas empobrecidas, ainda é um dos poucos legados da Revolución centenária ainda não liquidados, mesmo que as normais, os estudantes e os professores sejam fortemente atacados pela repressão violenta à essência combativa e pela escassez arbitrária de recursos.

Grande parte dos estudantes da Normal são filhos de agricultores, maioria indígenas ou que possuem forte influência cultural dos povos originários em Guerrero, estado onde vivem aproximadamente 600 mil indígenas, divididos em quatro etnias: Mixtecos, Amuzgos, Tlapanecos y Nahuas. Alguns elementos da cosmovisão das culturas mesoamericana sobre a morte podem explicar em parte a reação à morte dos jovens: teme-se a crueldade, não a morte, entre os povos astecas. Talvez um dos aportes da cultura espanhola trazidos ao México seja a matança com crueldade, tortura e sadismo, como regra de guerra. Não se sente igual todas as mortes, algumas causam mais medo e incompreensão que outras.

“Arrancaram seus olhos e a pele do rosto”. É este o resultado da estética cruel escolhido para o normalista Julio César Mondragón, 22 anos e pai de uma recém-nascida. Julio não era nenhum líder entre os normalistas, provavelmente foi escolhido para a tortura ao acaso, estava no primeiro período. Existe um jogo: os traficantes produzem imagens fortes e a imprensa publica as

mensagens de terror sem restrição. Qual é a mensagem que os criminosos queriam passar ao produzir esta imagem tão perturbadora? Por que têm a necessidade de fazer mais do que matar, por que desfiguram o corpo das vítimas? Em praticamente todas as culturas humanas entende-se que ter um fim digno é um direito fundamental, já que a morte digna reafirma a condição de pertencimento à humanidade.

Um violento e impune antecedente já existia na história recente de Ayotzinapa. Em 12 de dezembro de 2011, um grupo de estudantes da Escuela Normal Rural de Ayotzinapa mobilizava-se, em Chilpancingo, exigindo a reparação das instalações e o aumento dos recursos destinados ao sustento dos alunos, quando foram assassinados dois estudantes: Jorge Alexis Herrera Pino e Gabriel Echeverría de Jesús. Este fato estava praticamente esquecido pelo resto do país, não pelos normalistas de alma guerrilheira que se alimentam de memória; igual, encoberta, estava a desapareição de 31 estudantes em Chilpancingo, em 2013, e as centenas de corpos carbonizados ou destroçados encontrados nas centenas fossas, casualmente descobertas na busca pelos normalistas.

Existe a hipótese de que o ataque tenha sido uma mensagem narco-Estado (partidos, autoridades guerrerenses, governo municipal e federal e grupos criminais, como Guerreros Unidos) para a guerrilha ERPI (Ejército Revolucionario del Pueblo Insurgente) que supostamente recruta quadros na normal. Apesar de similaridades ideológicas, os normalistas negam veementemente qualquer envolvimento, inclusive, alegando que defendem uma revolução pacífica. Em vez de gerar mais medo no já reprimido e contido estudantado mexicano, um encorajamento coletivo surgiu da adversidade. Até as guerrilhas, sem ações importantes há muito, reacenderam. As formas autônomas de auto-organização popular também ganham confiança. Nada se espera nada do Estado mexicano. A única equipe forense que tem legitimidade para atuar nas investigações é a respeitada internacionalmente Equipo Argentino de Antropología Forense, constantemente atacada pela Procuradoria Federal. O fortalecimento de um movimento pelo poder popular, muito inspirado ainda pelo neozapatismo, está claro nas buscas cidadãs, sem a participação ou o reconhecimento das autoridades. As buscas têm encontrado fossas clandestinas cheias de mortos não identificados apenas no território de Guerrero.

Como é possível que existam milhares de mortos não identificados em fossas clandestinas -- não tão clandestinas já que estão institucionalizadas pela convivência do Exército e

do Estado? O choque e a comoção não foram proporcionais à surreal descoberta das várias fossas clandestinas que passaram a aparecer de maneira trivial nos noticiários. Dos sessenta e nove corpos encontrados na primeira, nenhum era dos normalistas, quase um alívio ou uma etiqueta que tirava a importância da macabra descoberta; mais outras dezenas de cadáveres nas seguintes, restos de ossos calcinados em lixões e a contagem não parou. As fossas parecem fazer parte da paisagem natural de Guerrero. Aos poucos, esta realidade, que vai sendo escavada, alcança o patamar da naturalização, fazendo parecer que os corpos despedaçados, calcinados e objetificados pelos grupos criminosos, nunca foram humanos. E a verdade é que apenas uma pequena parcela destes corpos ganhará novamente uma identidade e será associada a um rosto com uma história que acabou em morte. O país está em guerra, mas a estratégia do PRI é tentar governar o inferno, negando o caos. Desde o início da guerra declarada pelo neoliberal Calderón, muito próximo a Washington, nos estados de Tamaulipas, Guerrero e Jalisco, bastante distantes entre si, 460 corpos foram retirados do inframundo para investigação. São feminicídios, inimigos de narcotraficantes, vítimas de violência exemplar, camponeses indígenas em resistência, líderes comunitários e sindicais, sequestrados, capturados para o tráfico de órgãos ou de pessoas.

São mártires os que inspiram os normalistas, seus heróis são homens que sacrificaram suas vidas pela causa das classes oprimidas, Che, Lucio Cabañas, Genaro Vásquez. “Volveré y seré millones” disse Che Guevara -- já estarei morto, mas minhas ideias continuaram vivas -- e os normalistas gritam nas marchas em nome de seus companheiros caídos: “No has muerto, camarada, tu morte será vengada.” Quer dizer, quando a morte de um companheiro é convertida em justiça, não existe morte definitiva. A morte, por alguma causa justa, pode ser revertida quando a vitória é alcançada. É clara a ideia de sacrifício no discurso da FECSM, até os familiares a reproduzem: “Ojalá que su sangre sea, en este caso, para el bien del pueblo...”, disse o avô de Julio Mondragón, o dono do rosto sangrento e puro osso que assombrou os que o viram nas redes sociais ou nas folhas dos jornais. Há uma dialética neste pensamento, a maldade pode despertar a beleza da transformação no peito das gentes. O sangue derramado é como uma oferenda a um tempo utópico: “Quisieran enterrarnos, no sabían que éramos semillas”. Esta ideia parece diminuir a dor da morte dos jovens, a locomotiva da mudança, já que eles não são mais recordados como parentes amados, mas vidas sacrificadas em nome da emancipação do seu povo. E serão guerreiros do sol para a eternidade, porque foram abatidos em batalha.

Cinco longos meses de busca e tortura depois, os normalistas J.H. e sua companheira de lida, Z. V. continuam acordados esperando o retorno dos 42, não mais 43, já que parte da ossada de um dos desaparecidos, Alex Mora, foi encontrada calcinada no lixão de Cocula. A realidade é tão brutal que só pode ser suportada, semeando-se a esperança de que os desaparecidos voltarão vivos e tudo acabará como o despertar de um sonho demasiado real: “Vivos se los llevarán, vivos los queremos”. J. H. pode estar agora, de olhos abertos, em seu dormitório da Raúl Isidro Burgos, desejando despertar do pesadelo premonitório que teve na véspera do massacre.

Fotos tiradas entre os dias 29 de novembro e 30 de novembro de 2014



O sonhador normalista, J. H. (à direita) e seu companheiro M. S., a dupla coordenou a mesa do Congresso Estudantil Nacional, no dia 30 de novembro de 2014. (Foto: Philipe Branquinho)



Z. V. no refeitório da Normal, onde ajuda na cozinha, sorri pelos mesmos motivos de uma adolescente de seu tempo, mas chora por uma realidade insuportável. (Foto: Philipe Branquinho)



Refeitório da Escola Normal, onde se come tortilhas, feijão, ovo e muito raramente carne (não por opção). Muitos dos alimentos servidos hoje têm origem nas doações recebidas



Altar de Dia de Mortos, maior festa popular do México, enfeitada com flores de cempasúchil, muitas plantadas na própria escola. Em destaque, retrato de Júlio César Mondragón, que teve a pele do rosto e os olhos arrancados na madrugada do dia 26 de setembro. O filho de Júlio era apenas um recém-nascido na época



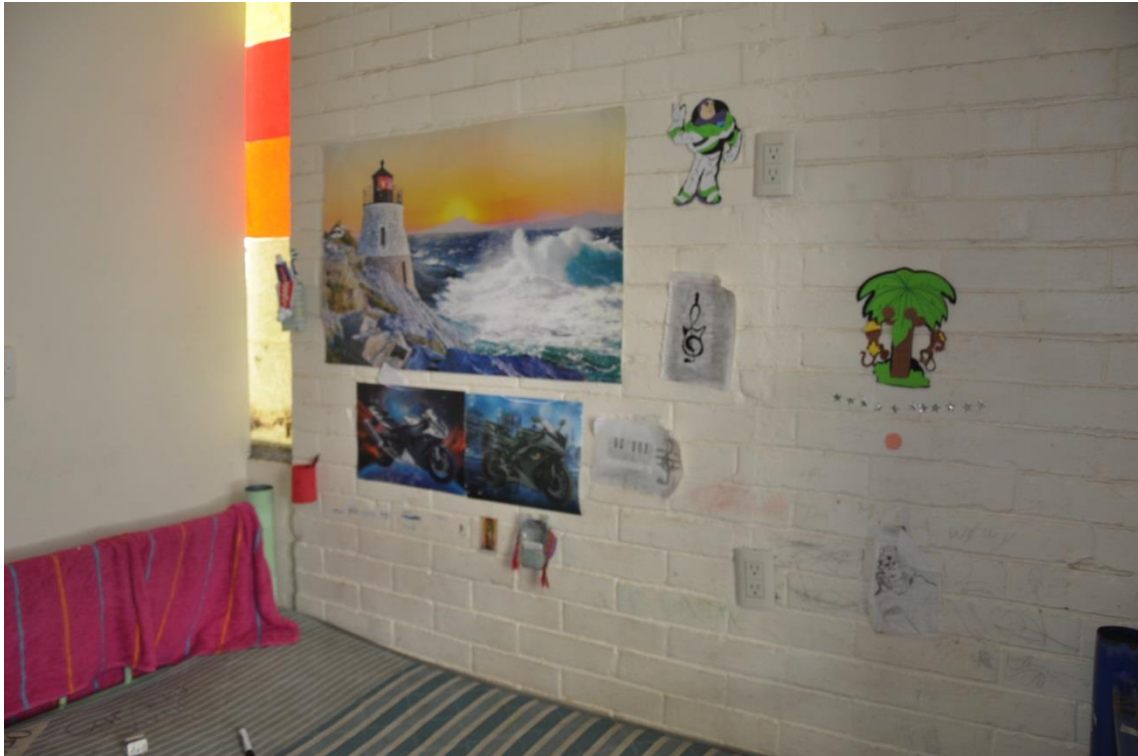
A festa do dia dos mortos também é um evento político, onde o mexicano reflete sobre seu modo de enxergar a morte, momento importante, em um período histórico, onde morrer de forma não-violenta é uma raridade. Pouco mais de 36 dias depois do massacre de Ayotzinapa comemorava-se no México o Día de Muertos, onde os 43 normalistas desaparecidos e os seis mortos encontravam-se no centro das cerimônias



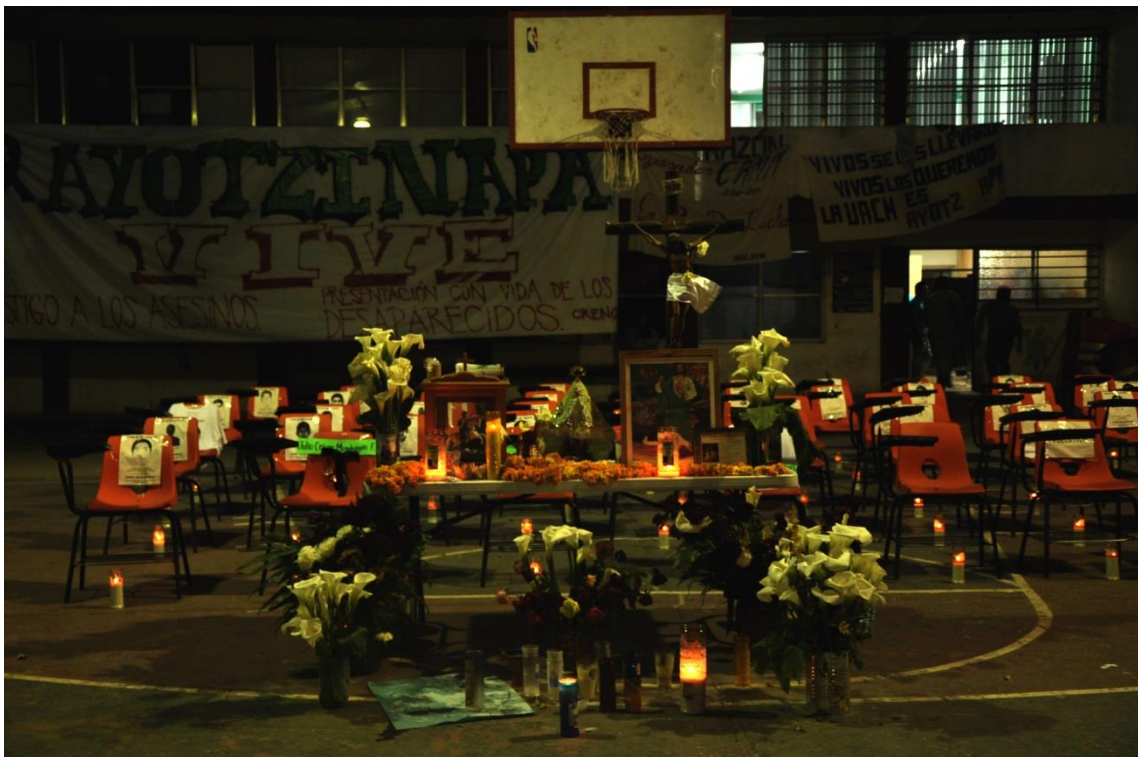
Tradição do muralismo mexicano é muito forte na produção artística que decora toda a escola



Salas de aula da Escuela Normal Raúl Isidro Burgos, que concentra uma tradição de educação que o governo está empenhado em destruir por inanição financeira e com o uso da força bruta. São escolas onde pobres, filhos de camponeses indígenas ou professores rurais, estudam para ensinar outros pobres



Simple quarto de um normalista interno. As regras são rígidas, as tarefas divididas e fiscalizadas. Meninas não entram. Os normalistas podem apenas receber a visita de familiares que passam tardes agradáveis praticando esportes ou até brincando na piscina



Quadra de basquete e altar típico do culto aos mortos. Ao fundo, 46 cadeiras de classe enfileiradas, montagem repetida em milhares de escolas e universidades do México e do mundo, simbolizam a ausência dos mortos, desaparecidos e feridos



Ayotzinapa significa lugar de tartaruga em nahuatl. O guerrilheiro Lúcio Cabañas, morto pelo Exército mexicano nos arredores de Iguala, formou-se professor na escola, como outro militante que escolheu a via da luta armada, Genaro Vázquez



Dormitórios. Para fazer a limpeza e manter as estruturas da escola é necessário muito trabalho em equipe



Veículos são expropriados pelos normalistas que utilizam esta tática para negociar com o governo que é pressionado pelas empresas que perdem momentaneamente seus patrimônios. Geralmente são ônibus ou veículos de transporte de mercadorias de grandes empresas. Os ônibus são utilizados para o transporte dos estudantes. Os motoristas dos ônibus tomados permanecem na escola trabalhando para os normalistas e recebendo uma continha diária. Há controvérsia sobre se a relação entre estes trabalhadores e os estudantes é de cordialidade ou conflito



Depois do fundador do partido de Los Pobres, Lúcio Cabañas, Che Guevara é a figura revolucionária mais lembrada pelos normalistas



Os pais e apoiadores da luta não arredam os pés da escola. Os normalistas e parentes recebem muitas visitas que trazem doações de bens de primeira necessidade e faixas de apoio. Na foto podemos ver um cartaz de um movimento da Polícia Ciudadana, a CRAC



Tradições católicas, indígenas e políticas, europeias e latino-americanas, promovem uma verdadeira ebulição de ideias na escola



I Congresso Estudantil em Ayotzinapa. O evento iria ocorrer na UNAM, mas depois do massacre foi transferido para a normal. Ocasão em que foi criada a Coordenadoria Estudantil Nacional com a participação de cerca de 450 estudantes



Diversos grupos políticos participaram do congresso. De anarquistas a stalinistas. Militantes dos Partidos Comunistas e defensores do novo partido MORENA (Movimiento de Regeneración Nacional) que se autodeclara como a esperança do México. Grande parte dos estudantes é avessa aos partidos políticos e não os vê como uma alternativa transformadora



Camponeses dos arredores da escola colhem o milho antes que estrague, porque os normalistas já não têm tempo para trabalhar no cultivo. Na escola, que é também um internato exclusivo para homens, os estudantes vivem, recebem uma beca e três alimentações diárias. Com a mais absoluta falta de recursos, os estudantes produzem grande parte de seus alimentos



Normalistas da Normal Rural de Tenería (Estado de México), em greve, organizam passeata para gritar, em nome da FECSM: “No hás muerto camarada, tu muerte, tu muerte será vengada!”



Jovem manifestante carrega o cartaz: “Nos han quitado tanto, que nos quitaran El miedo”

